



# INTERJEIÇÕES E INVOCações: A ORDEM DOS CONSTITUENTES EXCLAMATIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

---

INTERJECTIONS AND INVOCATIONS: THE ORDER OF  
EXCLAMATIVE CONSTITUENTS IN BRAZILIAN  
PORTUGUESE

Juliana Costa Moreira<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo descrever e analisar a ordem de constituintes exclamativos, como as interjeições *Ah!*, *Oh!*, *Credo!*, dentre outras; e invocações, como *Meu Deus!*, *Senhor!*, *Nossa Senhora!* no Português Brasileiro. Utilizando exemplos, foi possível demonstrar a posição de ocorrência das interjeições e das invocações. Na sequência, adotando-se a proposta de Hill (2007, 2014), apresentamos a derivação—das construções com estes constituintes.

**Palavras-Chave:** Interjeições; Invocações; Português Brasileiro.

*Abstract:* This paper aims to describe and analyze the order of exclamative constituents, such as the interjections *Ah!*, *Oh!*, *Credo!*, among others; and invocations, such as *Meu Deus!*, *Senhor!*, *Nossa Senhora!* in Brazilian Portuguese. Through the analysis of examples, it is possible to demonstrate the position of interjections and invocations. Next, adopting Hill's proposal (2007, 2014), we present the derivation for constructions with these constituents.

*Keywords:* Interjections; Invocations; Brazilian Portuguese.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: julianaichs@yahoo.com.br

---

## INTRODUÇÃO

O objeto de estudo deste artigo são constituintes exclamativos, como as interjeições *Ah!*, *Oh!*, *Credo!*, entre outras; e invocações, como *Meu Deus!*, *Senhor!*, *Nossa Senhora!* no Português Brasileiro. São exemplos de construções que apresentam estes constituintes:

- (1) *Ah*, não quero ir agora
- (2) *Nossa Senhora!* Como isso pôde acontecer? (JM, 56 anos).

Exemplo (3) de Ramos (2010, p.316)

Como se vê, nos exemplos acima, as interjeições exprimem a opinião, o comportamento, a atitude dos falantes ou traduzem um estado emotivo destes. Conforme pontua Alonso-Cortés (1999), as interjeições e a oração exclamativa podem ser entendidas como a manifestação do ato de fala expressivo, em que o falante manifesta um estado mental particular. Em (1), a interjeição *ah*, exprime uma insatisfação ou indignação em relação ao fato de ir a algum local ou ir a algum local em um determinado momento.

Já no exemplo (2), a expressão nominal *Nossa Senhora* é utilizada em contexto de invocação. De acordo com Alonso-Cortés (1999), as invocações são expressões nominais que cumprem a função de fazer um apelo a objetos da natureza ou a entidades religiosas. Cumpre dizer que estes constituintes são distintos dos vocativos, uma vez que ao utilizar uma invocação, não se dirige a um ouvinte determinado, como quando se utiliza um vocativo<sup>2</sup>. Seguem-se exemplos de vocativos:

- (3) Como está, *Maria*?
- (4) *João*, pára com isso.

Portanto, as interjeições e as invocações tendem a ocorrer com frequência em orações exclamativas, embora possamos as encontrar em outros tipos sentenciais, como é o caso do exemplo (1), em que a interjeição *ah* ocorre em uma oração declarativa.

De acordo com Alonso-Cortés (1999), a oração exclamativa é o tipo gramatical que corresponde à realização do ato de fala avaliativo e à força

---

<sup>2</sup> Discorreremos acerca desta distinção na seção 3.

---

exclamativa, marcada por palavras que ponderam ou intensificam algo que afeta o falante. Conforme o autor, a força ilocutiva deste ato, a força exclamativa pode manifestar-se pela entonação e indica o estado mental do falante, de surpresa, de entusiasmo, de admiração, de perplexidade, de dúvida, de incredulidade etc.

Nessas orações, de acordo com Moreira (2013), é comum encontrarmos um tipo específico de interjeições, as *interjeições propriamente ditas*.<sup>3</sup> Essas interjeições expressam a avaliação do falante a respeito de algo ou de alguém ou indicam o que o falante está pensando, a partir de uma reação de espanto, como *Nossa!* ou de dor, como é o caso de *Ai!* ediferem-se de *partículas de chamamento indireto*, nos termos de Hill (2014), *speaker-oriented particles*, como *oi, olá, ô, psiu*, dentre outras.<sup>4</sup>

No presente artigo, propomos analisar esse primeiro tipo, as interjeições propriamente ditas. Como suporte teórico, adotamos a proposta de Hill (2007, 2014), segundo a qual constituintes que manifestam o ponto de vista, os estados emotivos do falante, como as interjeições e as invocações, e constituintes que representam o ouvinte, os vocativos, são situados na interface entre a pragmática e a sintaxe, em uma projeção denominada *Speech Act Phrase (SAP)*. Essa escolha teórica justifica-se por se tratar de uma proposta capaz de dar conta dos achados empíricos, de forma que permite propor um tratamento unificado para explicar ocorrências de constituintes exclamativos e de vocativos na sentença do Português Brasileiro.

Diante do fato de que não há muitos estudos sobre os constituintes exclamativos, partindo da proposta de Hill (2007, 2014), almejamos contribuir para a descrição, bem como para definir o estatuto categorial de interjeições e de invocações. Utilizamos dados de intuição, mas também observamos a ocorrência de nosso objeto de estudo em dados reais, construções do Português Brasileiro provenientes de conversas informais e entrevistas com falantes de faixa etária entre 7 e 95 anos, realizadas por Ramos (2010).

Este trabalho está organizado do seguinte modo: na primeira seção, será apresentado o enquadramento teórico utilizado no desenvolvimento deste estudo; na segunda seção, discutiremos sobre as interjeições e a posição que ocupam na interface entre a sintaxe e a pragmática; na terceira seção, discutiremos sobre as invocações, abrangendo a distinção entre invocações e

---

<sup>3</sup> Adotaremos essa terminologia neste artigo.

<sup>4</sup> Mais detalhes acerca desta classificação serão apresentados na seção 2.

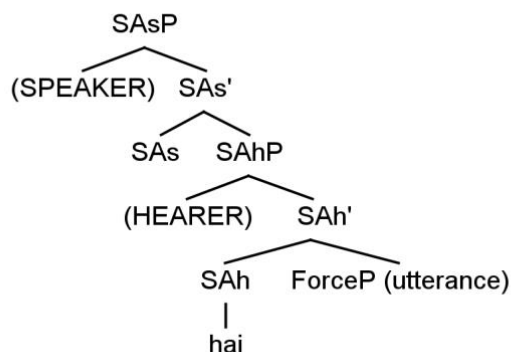
vocativos, considerando-se a possibilidade de coocorrência desses constituintes (invocação e vocativo) e também de interjeição, invocação e vocativo, além do processo de gramaticalização que pode envolver esses constituintes; na quarta seção, apresentaremos a análise dos dados e, por fim, apresentaremos as considerações finais.

## 1 ENQUADRAMENTO TEÓRICO: A INTERFACE SINTÁTICO-PRAGMÁTICA

Com base em Speas; Tenny (2003), Hill (2007, 2014) considera que constituintes que manifestam o ponto de vista, a opinião do falante e constituintes que representam o ouvinte são situados na interface entre a sintaxe e a pragmática, em uma projeção denominada Speech ActPhrase (SAP).<sup>5</sup>

A projeção SAP é localizada acima de ForceP, projeção mais alta do domínio CP (RIZZI, 1997; 2004), como expresso em (5) (HILL, 2014, p.147):<sup>6</sup>

(5)



Hill (2007) propõe que as interjeições são situadas na área de falante, mais especificamente em uma categoria que a autora denomina SAs. Os vocativos, por sua vez, são situados em uma categoria SAhP, na área de ouvinte.

O núcleo SAh<sup>0</sup> da área de ouvinte está associado a traços que qualificam o ato de fala: (i) traço [atenção] e (ii) traço [evidencialidade].<sup>7</sup> Observe-se, ainda,

<sup>5</sup> De acordo com Hill (2007, 2014), esta projeção se assemelha à concha (VP/vP), que representa sintaticamente as construções bitransitivas (e.g. *I gavethe book to Mary*), como consta em Larson (1988). Embora seja feita a comparação com a concha larsoniana, nesta configuração não são utilizadas letras minúsculas ao representar a área de ouvinte (SAhP), que corresponde a vP na concha larsoniana.

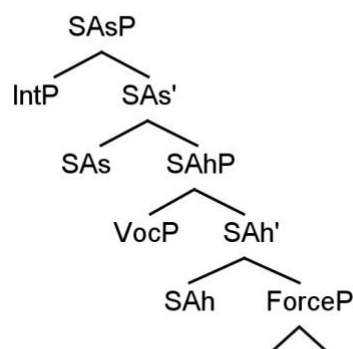
<sup>6</sup> Hill (2007, 2014) propõe esta configuração ao analisar dados do romeno, do búlgaro e do umbundu.

a ocorrência da partícula *hai*, nesse núcleo, correspondente ao traço [V] realizado lexicalmente no romeno. Esse traço seleciona um enunciado, ou seja, ForceP, e se relaciona com as projeções C/T/V.

Segundo Hill (2007), a partícula *hai* apresenta uma terminação morfológica que pode variar de acordo com o tipo sentencial, a saber, a forma *haideti*, utilizada no modo imperativo, e a forma *haidem*, que ocorre no modo subjuntivo. É, assim, também evidente que há uma relação entre o traço do ato de fala com a categoria ForceP, categoria do domínio de CP, na qual é codificado o tipo sentencial.

Seguindo uma linha de raciocínio cartográfica, consideramos a existência da categoria VocP, situada no especificador de SAhP e, equiparadamente, consideramos que as interjeições podem ser representadas por uma categoria IntP (*Interjection Phrase*).<sup>8</sup> É o que demonstramos a seguir:

(6)



Pressupõe-se que existe uma hierarquia para a atribuição de Caso e papel temático/pragmático no domínio de SAP, tal qual ocorre na concha larsoniana:

(i) o Caso Exclamativo e o papel pragmático *falante* são atribuídos ao

<sup>7</sup> Conforme Chafe e Nichols (1986), uma categoria gramatical que codifica evidencialidade indica a fonte de informação na qual o falante baseia uma afirmação. Tipologicamente, a evidencialidade é uma categoria relativamente rara e tende a ocorrer em poucas regiões geográficas. Segundo Aikhenvald e Dixon (1998) e Epps (2005), a Amazônia é uma região de grande concentração de línguas com sistemas de evidencialidade, que são encontrados em línguas das famílias Arawak, Carib, Chibcha, Nambiquara, Pano, Quechua, Tukano, Tupi-Guaraní, Vaupés-Japurá (Makú), Witoto, Yanomami e Záparo, além de línguas isoladas como Andoke e Paez. Dessas, as línguas da família Tukano, e especialmente as do ramo oriental, exibem sistemas de marcação de evidencialidade complexos.

<sup>8</sup> No entanto, não exploraremos, neste artigo, essa categoria, uma vez que não está entre os nossos objetivos.

---

constituente que ocupa a posição de argumento mais alta, geralmente uma interjeição, e (ii) o Caso Vocativo e o papel pragmático *ouvinte* são atribuídos ao constituinte que esteja situado na posição intermediária de argumento, a depender da língua, pode ou não envolver uma marca morfológica.<sup>9</sup> Ressalte-se que o fato de haver desinências casuais visíveis não implica dizer que, na ausência dessas, não exista a noção de Caso.

Na próxima seção, discorreremos, em detalhes, sobre as interjeições, em relação à função pragmática que desempenham, considerando-se os estudos de Alonso-Cortés (1999) e Hill (2007, 2014). Em razão da distinção entre interjeições propriamente ditas e partículas de chamamento indireto, a qual já mencionamos na Introdução, consideramos a atuação de dois traços diferentes na área de falante, tratando-se dos mesmos que ocorrem na área de ouvinte, a saber: o traço [evidencialidade] e o traço [atenção]. O primeiro está relacionado à ocorrência das interjeições propriamente ditas e o segundo licencia as partículas de chamamento indireto. Cabe ressaltar, que desta feita, investigamos a ocorrência das interjeições propriamente ditas, de forma que nos interessa, mais especificamente, a presença do traço [evidencialidade] na área de falante.

## 2 SOBRE AS INTERJEIÇÕES

Alonso-Cortés (1999) define interjeição como uma palavra constituída geralmente por uma sílaba em cujo ataque e coda podem aparecer fonemas que não ocorrem em final de palavra. As principais interjeições do Espanhol são: *ay, aj, bah, eh, ah, uy, oh, ca, ea, já, puaf, puf, hum, pse, psche, psst e uff*, dentre outras. Conforme explicitado na Introdução, para o autor, as interjeições e a oração exclamativa podem ser entendidas como a manifestação do ato de fala expressivo, em que o falante manifesta um estado mental particular. Em outras palavras, o tipo gramatical de oração exclamativa corresponde à realização da força ilocutiva do ato de fala expressivo ou força exclamativa, marcada gramaticalmente por uma classe de palavras exclamativas ou palavras *-qu* (*que, qual, como, quanto*, etc); palavras que ponderam ou intensificam algo que afeta o

---

<sup>9</sup> As interjeições e os vocativos são inseridos via Merge em SAsP e SAhP, respectivamente. Os núcleos dessas categorias atribuem Caso Exclamativo às interjeições, situadas na área de falante; e, por sua vez, Caso Vocativo é atribuído ao constituinte que exerce a função sintática de vocativo, situado na área de ouvinte, de acordo com o que é postulado por Hill (2014).

---

falante. Assim, nota-se a maior probabilidade de ocorrência de interjeições em contexto exclamativo.

Considerando o caráter de indicador ilocutivo destes constituintes, Alonso-Cortés (1999) propõe uma classificação de interjeições. De acordo com ele, as interjeições dividem-se em três grupos, a saber: assertivas, diretivas e expressivas. As assertivas indicam implicitamente a avaliação por parte do falante de algo que o interlocutor disse ou algo que aconteceu. Uma vez que se trata de uma operação mental, o seu conteúdo proposicional não é explicitado completamente. A seguir, temos um exemplo que contém uma interjeição assertiva:

(7) Ah..., Me parece que la señorita se siente muy feliz.

ah me parece que a senhorita se sente muito feliz

*Ah..., me parece que a senhorita se sente muito feliz!*

Exemplo (100 c) de Alonso-Cortés (1999, p.4028)

Por sua vez, as interjeições diretivas acompanham o imperativo, indicando a força ilocutiva do ato instativo, como nos exemplos a seguir:<sup>10</sup>

(8) ¡Hala! ¡Hala! A la cárcel.<sup>11</sup>

hala hala para a cadeia

*Vamos! Vamos! Para a cadeia!*

Exemplo (103 d) de Alonso-Cortés (1999, p.4028)

Já as interjeições expressivas indicam o que o falante está pensando: assombro, surpresa, admiração, dor, lamento, alegria, rejeição, asco, etc. Vejamos um exemplo:

(9) Ah, qué bien lo vamos a pasar.

ah que bom o vamos a passar

*Ah, vamos passar muito bem.*

Exemplo (105 b) de Alonso-Cortés (1999, p.4029)

No Português Brasileiro, temos os três tipos de interjeições, conforme explicitado, a seguir:

---

<sup>10</sup> Por ato instativo, entende-se o ato ilocutivo através do qual se faz um apelo para que o ouvinte responda ou para que faça algo. Trocando em miúdos, trata-se dos modos interrogativo e imperativo.

<sup>11</sup> A interjeição *hala* é utilizada para apressar, para expressar *Anda!* ou *Vamos!* e também para mandar alguém embora de algum lugar, no sentido de *Xô!* ou *Fora!*.

---

(10) *Ah...* Dona Dália! Eu pensei que a senhora estivesse toda arreventada, não está não, graças a Deus.

(11) *Nossa*, mas o que aconteceu?

(12) *Ei*, espera aí.

(13) *Oi*, como está?

No exemplo em (10), temos a interjeição assertiva *ah*, que pode ser empregada em um contexto em que o falante expressa a sua avaliação, o que pensou que tinha acontecido com a sua interlocutora, a Dona Dália; em (11) a interjeição *nossa* é expressiva e indica surpresa e, em (12) e em (13), *ei* e *oi*, são diretivas e, por sua vez, atuam como vocativos, à medida que exercem a função de chamamentos ou cumprimentos.

Hill (2014), por sua vez, considera a existência de dois tipos de interjeições, as que chamamos de interjeições propriamente ditas, que parecem equivaler às assertivas e às expressivas; e as partículas de chamamento indireto que, por sua vez, assemelham-se interjeições diretivas.

Portanto, neste artigo consideramos que há dois tipos básicos de interjeições: (i) as interjeições propriamente ditas, que podem expressar uma avaliação do falante ou o estado mental deste (ii) as partículas de chamamento indireto que atuam como chamamento ou cumprimento.

Essas últimas podem constituir uma forma de chamamento juntamente com um vocativo, como em (14), ou isoladas, como em (15) e (16):

(14) *Olá*, Maria, como vai?

(15) *Ei*, espera aí. Só um minuto.

(16) *Olá*, como está?

Ressalta-se que também as interjeições propriamente ditas podem preceder um vocativo ou ocorrerem isoladas, apesar de não se tratarem de formas de chamamento como nos exemplos abaixo:

(17) *Ah*, José, agora entendi.

(18) *Nossa!* Que lindo! Adorei o presente.



---

No exemplo (17) note-se que a interjeição propriamente dita *Ah* precede o vocativo *José* e a interjeição *Nossa*, em (18) ocorre isolada, à esquerda da oração.

É importante estabelecer essa distinção pragmática das interjeições para que se possa delimitar nosso objeto de estudo. Como dito na Introdução, interessa-nos, neste artigo, o estudo das interjeições propriamente ditas, tendo em vista que propomos investigar constituintes exclamativos.

Após discorrermos brevemente acerca das interjeições, abordaremos a posição destes constituintes no português.

## 2.1 A posição das interjeições

As interjeições no português ocorrem majoritariamente à esquerda da oração, como nos exemplos:

(19) *Ah*, Dona Simone, minha mãe é católica, mas eu gosto de todas as igrejas que têm música.

(20) *Ai* Alda! Você com esse seu jeito, acabou espantando todos seus pretendentes!

Conforme se pode observar, aparecem partículas como *ah*, *oh*, *ai*, *ih* que, de certa forma, introduzem o vocativo. Por outro lado, não parece possível a ocorrência de vocativo precedido por interjeição ao final da sentença. Todavia, na tentativa de verificar esta possibilidade formulamos exemplos com a configuração descrita, os quais são apresentados, a seguir:

(21) a. *Ah*, Pedro, não quero ir agora.

b. ?Não quero ir agora...\*(#) *ah*, Pedro.

c. Não quero ir agora, Pedro.

A sentença em (21 b) não parece natural. É aceitável se houver uma pausa antes da interjeição *ah* e a existência dessa pausa faz-nos pensar que se tem dois enunciados, como ilustrado, a seguir:

(22) a. Construção 1: Não quero ir agora.

b. Construção 2: *Ah*, Pedro!

---

O acréscimo da interjeição à esquerda do vocativo, quando este se situa em posição final, não é, portanto, aceitável. No entanto, observamos que a coocorrência de vocativo em posição final e uma interjeição na mesma oração não é incompatível, conforme os exemplos seguintes:

(23) *Ai*, não estou me sentindo bem, *Dorinha*.

(24) *Oh*, eu já contei isso tantas vezes, *minhafilha*.

(25) *Nossa*, que raiva que eu tive, *menino*.

Observe-se que uma interjeição e um vocativo podem coocorrer, mesmo que não estejam em adjacência.

Ramos (2010) também observa que as interjeições ocorrem geralmente na primeira posição, embora possam ocorrer também em outras, como no exemplo abaixo:

(26) aqueles Jesus ó... *Nossa*... tomei um medo.

Exemplo (19) de Ramos (2010, p. 322)

Para a autora, em (26), a interjeição ocorre entre o tópico e o comentário. Nota-se, no entanto, que há pausas enfáticas, sendo uma delas após “aqueles” e outra após “Jesus ó”. É como se a pausa dividisse a construção, como ilustrado abaixo:

(27) a. Aqueles

b. Jesus ó

c. Nossa tomei um medo

O constituinte *aqueles*, em (27a), parece se comportar como tópico. Todavia, uma outra descrição pode ser a de que *aqueles* pertença a uma oração apenas iniciada, mas abandonada. Partindo da primeira hipótese, pode-se considerar que o tópico *aqueles* se situa à esquerda de uma invocação *Jesus*.<sup>12</sup> Há uma segunda pausa após *Jesus ó*, em (27b). Em (27c), a interjeição se situa na primeira posição, isto é, à esquerda da oração.

---

<sup>12</sup> Uma invocação é um constituinte exclamativo, através do qual faz-se um apelo a uma entidade religiosa ou inanimada. Mais à frente, abordaremos estes constituintes com mais detalhes.

---

É também aceitável a ocorrência de um outro constituinte, como em (28) e de uma oração, como em (29) à esquerda de uma interjeição, como se segue abaixo:

(28) O João, *nossa*, eu não sabia que ele era tão esperto.

(29) João deu de presente para a esposa, *nossa*, uma joia enorme!

Observe-se que, além desses constituintes, um marcador discursivo que está fora da estrutura, como é o caso do constituinte *agora* também pode preceder uma interjeição, no exemplo a seguir:

(30) *agora ah...* *nossa...* foi além do que eu imaginava.

Em construções em que figuram um vocativo e uma interjeição, evidentemente, a ordem mais natural é *interjeição-vocativo* e não a ordem inversa *vocativo-interjeição*:

(31) a. *Nossa* menino, a raiva foi subindo e deu vontade de brigar com ele.

b. ?Menino...\*(#) *nossa* a raiva foi subindo e deu uma vontade de brigar com ele.

Todavia, se considerarmos uma pausa enfática, as interjeições podem ocorrer à direita do vocativo. A posição preferencial é, no entanto, a posição à esquerda quando as interjeições são acompanhadas de vocativos ou não, como nos exemplos seguintes:

(32) a. *Ah*, que pena!

b. \*Que pena, *ah*!

(33)a. *Nossa* ... a raiva foi subindo e deu vontade de brigar com ele.

b. ?A raiva...\*(#) *nossa*, foi subindo e deu vontade de brigar com ele.

c. ?A raiva foi subindo...\*(#) *nossa*, e deu vontade de brigar com ele.

d. ?A raiva foi subindo e deu vontade de brigar com ele...\*(#) *nossa*.

---

Em síntese, verificamos que a posição preferencial das interjeições no português é à esquerda da oração, apesar de poderem ocorrer em outras posições.<sup>13</sup>

Após descrevermos as interjeições, passemos para o estudo das invocações.

### 3 SOBRE AS INVOCACÕES

As invocações são expressões nominais que cumprem a função de fazer um apelo a objetos da natureza ou a entidades religiosas. Para Alonso-Cortés (1999), o vocativo utilizado para fazer este apelo é denominado *vocativo retórico*. Segundo o autor, o vocativo retórico, geralmente, é empregado em poesias:

(34) Eres tu, luna, quien todo lo borra e lo tacha?

és tu lua quem tudo o apaga e o mancha

És tu, lua, quem tudo apaga e mancha?

Expressões nominais, como *Meu Deus!*, *Nossa Senhora!*, *Senhor!*, além de outras muito usadas no Português Brasileiro, parecem se aproximar deste tipo de vocativo. Ao utilizá-lo, faz-se um apelo a algo inanimado ou a uma entidade religiosa, como por exemplo nas seguintes orações:

(35) *Meu Deus*, cuida do meu filho.

(36) *Senhor*, o que fazer agora?

Ramos (2010) observa a possibilidade de a expressão *Nossa Senhora* ser usada em contexto de invocação, comparando-se exemplos como os seguintes:

(37) *Nossa Senhora*, me ajude (MR, 56 anos).

Exemplo (2) de Ramos (2010, p. 316)

(38) I: *Nossa Senhora!* Como isso pôde acontecer? (JM, 56 anos).

Exemplo (3) de Ramos (2010, p. 316)

---

<sup>13</sup> Para dar continuidade a essa investigação, seria interessante, ainda, realizar testes a fim de observar quais tipos de constituintes podem ocorrer à esquerda das interjeições.

---

(39) A: aqui oh essa aqui é o protocolo do senhor agora o senhor tem que aguardar que o fiscal vai lá e vai fazer a avaliação e vai dar um parecer... aí o senhor tem que aguardar pelo menos uns quinze a vinte dias

I: *Nossa Senhora!* (JPO, 65a,).

Exemplo (4) de Ramos (2010, p. 316)

Conforme a autora, em (37), temos a expressão nominal utilizada em contexto de invocação. Embora não seja esse um contexto religioso, o uso é semelhante àquele a que se refere, de modo ambíguo, ao poder da santa e a ela mesma. Em (38), tem-se um apelo a uma entidade religiosa – um pedido de proteção – e a entonação é a mesma de quando se profere um chamamento. Já em (39), temos uma manifestação de uma atitude de incredulidade em relação a algo narrado pelo interlocutor, no caso uma manifestação de espanto.<sup>14</sup>

A autora descreve o processo de gramaticalização, que envolve a perda de conteúdo semântico e fônico da expressão nominal *Nossa Senhora* utilizada em contexto religiosos, a partir do momento em que passa também a ser empregada em contexto de invocação. De acordo com ela, a expressão *Nossa Senhora*, no dialeto mineiro, pode se reduzir, o que resulta nas formas *Nossa!*, *Nó!* e *Nu!*, conforme apresentado abaixo:

(40) *Nossa Senhora* > *Nossa Senhora!* > *Nossa!* > *Nó!* > *Nu!*

(RAMOS, 2010, p. 318)

Seguem-se os exemplos das diferentes etapas:

(41) Minha irmã foi freira. Foi pro convento e isso veio a nos cria(r) neste ritmo tam(b)ém de religião católica. E... todos com muita devoção à *Nossa Senhora*. E aprendemo(s) a ir à Igreja desde cedo (MHS, 54 anos).

(42) *Nossa Senhora*, me ajude (MR, 56 anos).

(43) I: *Nossa Senhora!* Como isso pôde acontecer? (JM, 56 anos).

---

<sup>14</sup> Ao que parece, a expressão “Vixe”, proveniente de “Virgem Maria” trata-se de uma redução deste tipo, sendo utilizada em contextos similares ao que foi apresentado em (40). Esse caso será tratado em pesquisa futura.

---

(44) A: aqui oh essa aqui é o protocolo do senhor agora o senhor tem que aguardar que o fiscal vai lá e vai fazer a avaliação e vai dar um parecer... aí o senhor tem que aguardar pelo menos uns quinze a vinte dias

I: *Nossa Senhora!* (JPO, 65a,).

(45) A: o proprietário é você?

I: sou eu...eu só fiz se e o pessoal só só troquei o reboco dela e troquei o telhado... tá dentro do condomínio num tá na rua uai... num sei porque o pessoal vem encher o saco

A: *Nossa!*...complicado né? (HF, 26a, BH, CDM, 2008).

Exemplos de (1) a (5) de Ramos (2010, p. 316)

(46) Aí tem um primo lá que cê... *Nó!*acha bonitinho (FJC, 21 anos).

(47) I: Lá na cozinha ela disse: *Nu!* Chegou a noite! O tio dele foi se vingar (JLN, 9 anos).

Exemplo (6) de Ramos (2010, p. 316)

No exemplo, em (41), temos o uso lexical de *Nossa Senhora*, na etapa subsequente do processo de gramaticalização, a forma é usada como invocação, como visto em (42), (43) e (44); na sequência, a forma reduzida *Nossa!*, utilizada para exprimir espanto, em (45), é utilizada como uma interjeição, que, por sua vez, ainda é reduzida, de modo que o que se obtêm são as formas *Nó!* e *Nu!*, utilizadas como nos exemplos (46) e (47).

Segundo Ramos (2010), inicialmente a expressão nominal possui conteúdo referencial, sendo usada em contextos religiosos. Em seguida é usada em invocações, ainda em contextos religiosos. Há uma expansão de uso, ocorrendo em contextos não religiosos, adquirindo outras interpretações dentro do espaço discursivo. Isso teria gerado perda de conteúdo referencial denotativo, perdas fonológicas e entonação específica, representada em (40) pelo ponto de exclamação.<sup>15</sup>

A autora ressalta que a posição inicial e a independência sintática da expressão nominal em inovação teriam um papel crucial no surgimento da própria interjeição, segundo Trougot e Dasher (2002, *apud*RAMOS, 2010), em

---

<sup>15</sup> Todavia, segundo a autora, o resultado do processo não seria um item mais gramatical/funcional, como no caso de preposições e auxiliares.

---

sua análise do nome *Jesus* e a interjeição *Jesus!* no inglês. Como observa Ramos (2010), essa correlação parece se aplicar adequadamente aos itens em estudo aqui, uma vez que os estágios anteriores podem ser documentados, podendo a expressão nominal *Nossa Senhora* ser, de algum modo, inferida, exceto em relação ao item Nu!.

Os exemplos de (41) a (47), além de outros apresentados pela autora, leva-a a depreender que o local de ocorrência do nome *Nossa Senhora* em relação à sentença nos contextos de invocação é a posição inicial à esquerda e observa também o termo parece ser sintaticamente independente. O mesmo comportamento pode ser também observado em relação aos itens semanticamente “esvaziados” e originados daquele nome.

Tendo como pressuposto essa observação de Ramos (2010) referente à posição dos constituintes exclamativos investigados neste artigo, na próxima seção, exploraremos as construções em que as invocações coocorrem com vocativos, com interjeições e com ambos os constituintes, a fim de observar a ordem em que podem ocorrer um em relação aos outros.

### 3.1 Interjeições, invocações e vocativos

Nesta seção, descreveremos construções em que há coocorrência de interjeições, invocações e vocativos. Consideremos os seguintes exemplos:

(48) *Meu Deus! Paula*, o que é isso?

(49) *Nossa Senhora, José*, imagina. Quem me dera!

(50) *Ai, Meu Deus, José*, o que aconteceu?

Em (48), a invocação *Meu Deus* coocorre com o vocativo *Paula*; em (49), temos a invocação *Nossa Senhora* e o vocativo *José* e, em (50), coocorrem a interjeição *ai*, a invocação *Meu Deus* e o vocativo *José*.

Observe-se que as interjeições e invocações são os constituintes que ocorrem à esquerda. A ordem deve ser *interjeição – invocação – vocativo*, conforme os exemplos abaixo:

(51) *Ai, Meu Deus, José*, o que aconteceu?

(52) *Meu Deus... \* (#) ai, José*, o que aconteceu?

---

Ao invertemos a ordem *interjeição – invocação*, como em (53), a construção se torna agramatical, se não houver uma pausa enfática entre os dois constituintes. Se considerarmos a pausa, a construção é possível, apesar de não muito natural. A entonação com que a proferimos é a mesma com que se diz *Meu Deus!*, em separado, ou seja, a invocação isolada.

Não é natural também a inversão da ordem *invocação – vocativo*:

(53) *Meu Deus! Paula*, o que é isso?

(54)<sup>?</sup>*Paula... \* (#)Meu Deus*, o que é isso?

A construção (54) é aceitável, considerando-se, do mesmo modo, uma pausa enfática entre os dois constituintes. Observa-se, ainda, que é possível, o vocativo *Paula* ocorrer ao final da oração, como em (55), bem como é também gramatical a ocorrência da invocação *Meu Deus* nesta mesma posição, como em (56), mas não é muito natural a combinação de vocativo no início e invocação ao final, exemplificada em (57).

(55) *Meu Deus!* O que é isso, *Paula*?

(56) O que é isso, *Meu Deus*?

(57)<sup>?</sup>*Paula*, o que é isso, *Meu Deus*?

Ao que parece, quando há coocorrência de interjeições e invocações, invocações e vocativos ou interjeições, invocações e vocativos, é mais natural que as interjeições precedam as invocações e esses dois constituintes precedam os vocativos.

Observe-se que é agramatical a colocação da interjeição na posição final, como em (58 b), (59 b) e (60 b):

(58) a. *Ai, Meu Deus*, o que é isso?

b. \* *Meu Deus*, o que é isso, *ai*?

(59) a. *Ai, Paula*, o que é isso?

b. \* *Paula*, o que é isso, *ai*?

(60) a. *Ai, Meu Deus! Paula*, o que é isso?

b. \* *Deus! Paula*, o que é isso, *ai*?



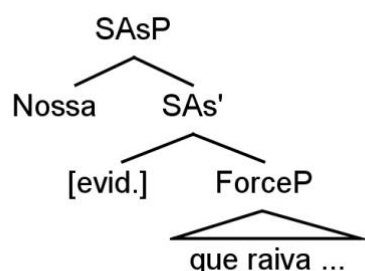
Certificamos que a ordem mais natural é *interjeição – invocação – vocativo*, embora, outras possibilidades possam ser aceitáveis considerando a incidência de pausas enfáticas. Observamos, portanto, que tanto as interjeições, como as invocações, são constituintes que manifestam o ponto de vista ou uma atitude do falante e, geralmente, ocupam a posição à esquerda da oração.

Apresentaremos, a seguir, a representação arbórea de construções com os constituintes exclamativos, descritos nesta seção.

#### 4 INICIANDO O MAPEAMENTO DA ÁREA DE FALANTE

Com base na proposta de Hill (2007, 2014) e também na descrição dos dados, apresentamos a nossa análise de construções contendo constituintes exclamativos. Apresentamos, primeiramente, uma construção do tipo gramatical exclamativo contendo uma interjeição:

(61) *Nossa*, que raiva que eu tive!

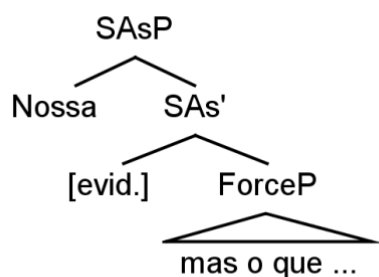


Na configuração acima, a interjeição *nossa* é inserida no especificador de SAP, na área de falante, de forma que o traço [evidencialidade] é licenciado.<sup>16</sup>

Segue-se uma construção do tipo gramatical interrogativo contendo uma interjeição

<sup>16</sup> Considerando a existência das categorias IntP e VocP, como se pode observar na configuração (6). No entanto, pode-se pressupor que o traço [evidencialidade] está presente nos núcleos dessas categorias e não nos núcleos de SAsP e SAhP, porém, desta feita, fornecemos uma análise mais ampla da interface sintático-pragmática. Portanto, essa análise será aprimorada em uma próxima pesquisa, na qual dedicaremos-nos a explorar a sintaxe interna de IntP e de VocP, além da definição da posição sintática das invocações. Devido a possibilidade de ocorrência de interjeições e invocações, possivelmente, estas ocupam uma categoria autônoma, a qual poderíamos rotular de InvP.

(62) Nossa! Mas o que aconteceu?



Na configuração acima, a interjeição *nossa*, inserida na área de falante, exprime surpresa ou assombro por parte do falante ao dirigir uma pergunta ao seu interlocutor, de modo que o traço presente na área de falante é [evidencialidade].<sup>17</sup>

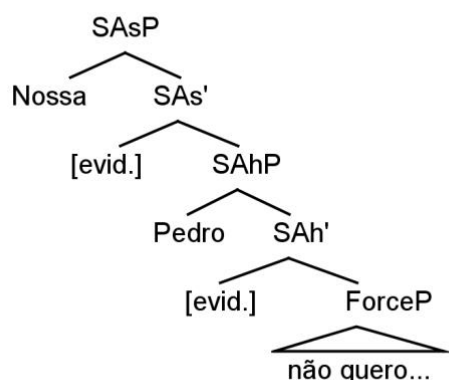
Conforme Alonso-Cortés (1999), ao analisar exemplos do Espanhol, alguns constituintes podem adquirir interpretação exclamativa em frases e orações em que não há partículas exclamativas específicas, como as interjeições propriamente ditas *ah*, *oh*, etc. Em consequência, estas frases e orações podem mesmo assim ser consideradas exclamações. Em (61), a interjeição *nossa*, que apresenta leitura avaliativa/ exclamativa ocorre em contexto também exclamativo/avaliativo. Na configuração (60), temos a mesma interjeição, a qual é atribuída interpretação exclamativa/ avaliativa, porém em construção do tipo sentencial interrogativo. Postulamos que o traço presente na área de falante, neste caso, é evidencialidade.

Para Alonso-Cortés (1999), a força exclamativa está vinculada à condição de sinceridade do ato de fala, que é denominada *condição de afetação*. Assim, a palavra *exclamativo* refere-se ao tipo gramatical e *exclamação* refere-se às frases e orações que mostram a força ilocutiva exclamativa. Este é o caso das interjeições propriamente ditas e de outros constituintes que ocupam a posição de falante, como invocações quando não ocorrem em construções do tipo sentencial exclamativo.

Partindo para a análise das construções com interjeições e vocativos, apresentamos o exemplo abaixo:

<sup>17</sup> Ressalte-se que as partículas de chamamento indireto, nos termos de Alonso-Cortés (1999) também podem ocorrer nesta posição, no entanto, neste caso, o traço que atua no núcleo de SAP é [atenção]. Como dito na introdução, a função destes constituintes, à semelhança dos vocativos, é chamar a atenção. Para mais obter detalhes sobre a análise de construções contendo estes constituintes, ver Moreira (2013). Neste artigo, atemo-nos ao estudo dos constituintes exclamativos, quais sejam, interjeições e invocações.

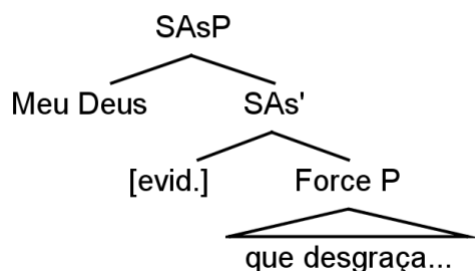
(63) Ah, Pedro, não quero ir agora.



Na representação acima, temos uma construção avaliativa, contendo a interjeição *ah*, seguida pelo vocativo *Pedro*.<sup>18</sup> O traço [evidencialidade] está presente na área de falante e na área de ouvinte, sendo licenciado, respectivamente, a partir da inserção da interjeição *ah* e do vocativo *Pedro*, em SAsP e emSAhP, respectivamente.<sup>19</sup>

Como dito anteriormente, as invocações são constituintes que também manifestam uma atitude ou uma avaliação do falante, portanto, também devem ocupar uma posição na área de falante, conforme representado, a seguir:

(64) Meu Deus, que desgraça foi aquela!

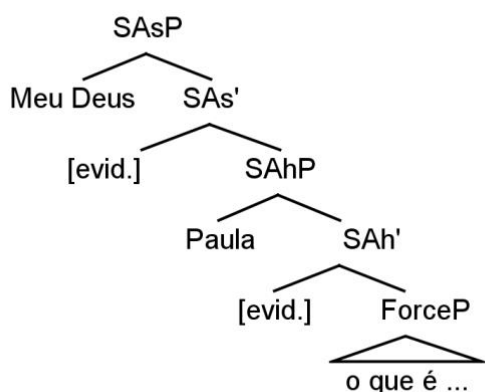


<sup>18</sup> Em concordância com Moreira (2013) e Moreira (2017), consideramos que o vocativo se situa em uma projeção VocP, alocada em SAhP. Ver configuração em (6).

<sup>19</sup> As partículas de chamamento indireto também podem ocorrer à esquerda de um vocativo que se encontra em posição inicial, como no exemplo: *Olá, Maria, como está?* De acordo com Moreira (2008), os traços atenção e evidencialidade podem atuar tanto na área de ouvinte quanto na área de falante. Sob este ponto de vista, se o traço atenção está presente, uma partícula de chamamento indireto precede o vocativo e, por outro lado, se uma interjeição propriamente dita é inserida na derivação, o traço [evidencialidade] é verificado. Não continuamos com essa análise, uma vez que não está dentre os objetivos deste estudo.

Como vimos, as invocações, assim como as interjeições, podem coocorrer com os vocativos, como no exemplo:

(65) Meu Deus! Paula, o que é isso?



A possibilidade de coocorrência destes constituintes evidencia a distinção entre esses constituintes e leva a crer que ocupam posições diferentes na interface entre a sintaxe e a pragmática. Postulamos, portanto, que a invocação *Meu Deus* verifica o traço [evidencialidade] presente no núcleo de SAsP, na área de falante; o vocativo *Paula*, que pospõe a invocação, é também licenciado por este traço, existente também no núcleo de SAhP na área de ouvinte.<sup>20</sup>

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O objetivo deste trabalho foi descrever e analisar constituintes exclamativos, quais sejam as interjeições e as invocações. Ao investigarmos a ocorrência desses constituintes nas sentenças do Português Brasileiro, listamos observações elementares para o prosseguimento do estudo, quais sejam: (i) invocações e vocativos são constituintes distintos; (ii) as invocações são constituintes que apresentam caráter exclamativo/avaliativo: estes constituintes podem manifestar o comportamento, a opinião, uma atitude dos falantes ou traduzir os estados emotivos destes; (iii) as invocações são expressões nominais resultantes da reanálise de vocativos e as interjeições originam-se de um processo de reanálise de invocações; (iv) esse processo envolve a perda de

<sup>20</sup> Se tivéssemos uma partícula de chamamento direto em posição anterior ao vocativo, como em *Olá, Paula*, o objetivo do falante ao proferir esta sequência seria atrair a atenção do interlocutor e não manifestar uma opinião, um sentimento, por exemplo; portanto o traço que licencia a partícula *olá* e também o vocativo *Paula*, nesse caso, é [atenção]. Para mais detalhes a este respeito, ver Moreira (2013).

---

conteúdo semântico e fônico, bem como a ampliação dos contextos de uso da expressão em análise e (v) o resultado do processo não é um item mais gramatical, como descrito no estudo de muitos processo de gramaticalização, mas a ampliação do conteúdo pragmático de uma expressão determinada.

Ao longo do desenvolvimento do trabalho, tornou-se necessário evidenciar as possibilidades de coocorrência entre interjeições, invocações e vocativos para se pensar na posição que ocupam na interface entre a sintaxe e a pragmática. A partir do conteúdo pragmático das interjeições e das invocações, consideramos que ocorrem na área de falante. Acrescente-se que quando há coocorrência de interjeição, de invocação e de vocativo, a ordem básica é *interjeição-invocação-vocativo*.

Partindo da descrição dos dados, postulamos que, no caso de gramaticalização de um vocativo, esse constituinte torna-se uma invocação, que, por sua vez, pode se transformar em uma interjeição e ocupar uma posição ainda mais acima na estrutura hierárquica, uma vez que a área de falante está acima da área de ouvinte. Uma análise prosódica das invocações seria, sem dúvida, muito relevante, pois poderia comprovar que o vocativo é pronunciado em tom mais baixo se estiver após uma invocação.

Por fim, tentamos oferecer uma contribuição para o estudo das interjeições e das invocações, no entanto, é preciso salientar que a área de falante é um território desconhecido. Para entendimento desta, faz-se necessária, ainda, muita investigação e testes diagnósticos.

## REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, A. Y.; DIXON, R. M. W. Evidentials and Areal Typology: a Case Study from Amazonia. *Evidentials and Areal Typology: a Case Study from Amazonia. Language Sciences*, vol.20, p. 241-257.1998.
- ALONSO-CORTÉS, Angel. Las Construcciones Exclamativas. La Interjeccion y las Expresiones Vocativas. In: BOSQUE, I. & DEMONTE, V.(eds.); *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Madrid: Espasa, 1999, vol. 3. 3993-4050.
- CHAFE, W; NICHOLS, J. *Evidentiality: the linguistic coding of epistemology*. New York: Ablex Publishing Corporation, 1986.
- EPPS, P. Areal Diffusion and the Development of Evidentiality: evidence from Hup. *Studies in Language*, vol. 29, p. 617- 650, 2005.
- HILL, V. Vocatives and the pragmatics-syntax interface. *Lingua*, vol.117, Issue 112, p. 2077-2105. 2010.

- 
- HILL, V. *Vocatives: How syntax meets with pragmatics*. Leiden: Brill, 2014. vol. 5 (Series: Empirical Approaches to Linguistic Theory)
- LARSON, R. On the double object construction. *Linguistic Inquiry*. vol. 19, p. 335-391, 1988.
- MOREIRA, J. C. *O vocativo no Português Brasileiro nos séculos XIX e XX: um estudo de mudança linguística*. 2008. 108 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- MOREIRA, J. C. *O vocativo e a interface sintaxe-pragmática no Português Brasileiro*. 2013 151 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- MOREIRA, J.C. Chamamento e destinatário: o vocativo na interface sintático-pragmática. *Letras Escreve*. vol. 7, n.2, 2017.
- RAMOS, J. M. *Interjeições e gramaticalização: Nó!e Nossa Senhora! no dialeto mineiro* In.: VITRAL, L. T. ; COELHO, S. M. *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, v. 01, 2010. 354p.
- RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed). *Elements of grammar*. Dordrecht: Kluwer, p. 282-337, 1997.
- RIZZI, L. On the Form of chains: criterial Positions and ECP Effects. Ms. Universidade de Siena, 2004. Disponível em:  
[https://www.researchgate.net/publication/247039710\\_On\\_the\\_form\\_of\\_chains\\_criterial\\_positions\\_and\\_ECP\\_effects](https://www.researchgate.net/publication/247039710_On_the_form_of_chains_criterial_positions_and_ECP_effects). Acesso em 4 jan. 2018.
- SPEAS, M; TENNY, C. Configurational properties of point of view roles. In: Di Sciullo, A. M., *Asymmetry in grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2003, p.315-344

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 15 de fevereiro 2018.

Aprovado em sistema duplo cego em: 13 de março de 2018.